

Semeando Sonhos

THIAGO ZARDO

Semeando Sonhos

Antologia poética comentada



FuturArte Poesia

EDITORA MULTIFOCO

Rio de Janeiro, 2015

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

CAPA & DIAGRAMAÇÃO Paula Guimarães

Semeando Sonhos

ZARDO, Thiago

1ª Edição

Abril de 2015

ISBN: 978-85-8473-354-5

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

Agradecimento

“Sem duvidas outorgaremos a todos aqueles que, sendo amigos dos poetas sem praticarem a poesia, constituem-se patronos dos mesmos, o direito de pronunciar em prosa um discurso em favor da poesia... o discurso, nós o ouviremos com benevolência, pois será incontestavelmente um bem para nós mostrar que a poesia é, não somente agradável, mas útil!” Platão

São tantas as pessoas que eu gostaria de agradecer que se fosse eu citar os nomes, nesta página não caberia a metade deles. Portanto agradeço a todos vocês, professores, alunos, amigos, jornalistas, leitores e familiares que de alguma forma semearam comigo sonhos e versos.

“Assim como semeias, assim hás de colher.”

Este livro é dedicado aos meus generosos pais.

Apresentação

A semente deste projeto literário...

Sempre que encontro uma pessoa com um livro nas mãos eu a parablenizo. Portanto, parabéns! Você tem em suas mãos um livro. E de poesias! Há quanto tempo você não tinha em suas mãos um livro de poesias? Há quanto tempo você não vê uma pessoa qualquer com um livro de poesias nas mãos? Se a sua resposta for igual a da maioria das pessoas, eu já sei qual é. Então eu lhe pergunto: será que existe algum motivo específico para que isto esteja ocorrendo? Talvez seja porque a poesia ande em baixa, fora de moda. Mas será que existe algum motivo específico para que isto tenha ocorrido? De quem é a culpa deste distanciamento entre o leitor e a poesia? É muito provável que culpa seja dos próprios poetas. E os poetas podem ser culpados por vários motivos.

O primeiro e principal motivo é a falta de qualidade da poesia produzida nos dias de hoje. Não quero ofender nem menosprezar a poesia moderna, mas depois que os modernistas liberaram geral, qualquer um escreve qualquer besteira e acha que está fazendo poesia, aliás, muito dos poemas publicados hoje, em sua maior parte são um amontoado de palavras sem sentido algum e o que é pior, sem poesia nenhuma! Mais parecem diários adolescentes que só falam na primeira pessoa. Por isso a poesia se tornou chata, sem graça, piegas.

O segundo motivo desse distanciamento entre a poesia e o leitor é que se a poesia é ruim, a concorrência ganha espaço. E entretenimento para competir é o que não falta: internet, celular, redes sociais, games, TV, além da própria literatura comercial.

E o terceiro motivo para tal distanciamento talvez seja porque os poetas considerados eruditos, os figurões dos versos, estão escrevendo de uma forma literária tão egoísta e complicada que só eles conseguem entender o significado do que escreveram. Duvido até que em alguns casos eles tenham coragem de ler suas verborreias para uma plateia. Assim, é normal que haja um distanciamento entre o poeta e o leitor. Para ser sincero até parece que os poetas estão se esquecendo de que cada poesia é uma semente e cada poeta um semeador. E que a poesia só existe se alguém a ler e a compreender. Portanto, que seja o nobre leitor o fecundo terreno onde há de germinar a bela e verdadeira poesia!

Mas como trazer de volta o leitor à poesia? Como tornar a poesia algo prazeroso? Talvez produzindo uma poesia mais simples e verdadeira. Uma poesia acessível ao leitor, sem que com isso se caia na mesmice e na banalização apelativa. E será que isto é possível? Bom, neste livro eu contarei a história de alguns poemas escritos por mim que de certa forma conseguiram alcançar algo mais. Poemas que não ficaram apenas no papel, pois eles foram como sementes semeadas em terras férteis e ganharam vida própria. Estão por aí ainda dando bons frutos. Talvez nem sejam meus poemas mais bem elaborados, mas foram os que tiveram uma aceitação muito interessante por parte do leitor e se tornaram até propagandas em outdoors, viajaram em ônibus coletivos, se tornaram músicas e venceram festivais, foram lidos na TV... Também contarei a histórias de alguns poemas que não se divertiram tanto assim, mas que de alguma forma tocaram mais profundamente algumas pessoas.

Então o que esperar deste livro de poesias que agora você tem em mãos? Depende, talvez se eu tivesse que dizer qual é intenção deste livro eu diria que se trata de um agradecimento e uma retribuição a poesia e as pessoas que realizaram comigo experiências poéticas

extraordinárias. Pessoas que estiveram ao meu lado durante talvez mais de dez mil horas dedicadas a semear poesia. Pessoas que de certa forma estiveram juntas comigo divulgando a poesia apesar dos prosares. Pessoas que semearam e continuarão semeando versos e sonhos sem a ambição de colher seus frutos para si. Pessoas que semearam simplesmente por acreditarem que semear por si só já é o motivo. Talvez a semente deste projeto seja a semente do sonho que pretende florescer realidade. Sei lá, de intenção até as sementes são feitas! E como poetizou Henfil:

*“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores,
Se não houver flores, valeu a beleza das folhas,
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.”*

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPITULO I	
DE COMO PUBLIQUEI MEU PRIMEIRO POEMA...	21
CAPITULO II	
DE COMO PUBLIQUEI MEU PRIMEIRO LIVRO.....	24
CAPITULO III	
DE COMO POEMAS SE TORNAM CANÇÕES.....	28
CAPITULO IV	
DE COMO ENCONTREI O AMOR INCONDICIONAL... ..	33
CAPITULO V	
DE COMO RETORNEI A INFÂNCIA... ..	37
CAPITULO VI	
DE COMO MONTEI UMA BIBLIOTECA INFANTIL... ..	41
CAPITULO VII	
DE COMO TIVE UM CORDEL LIDO NA TV.....	44
CAPITULO VIII	
DE COMO MEU POEMA EMBARCOU EM COLETIVOS... ..	53
CAPITULO IX	
DE COMO FAZER UMA DEZENA DE LIVROS DE UMA SÓ VEZ.....	56
CAPITULO X	
DE COMO UM POEMA SE TORNOU SACOLA ECOLÓGICA... ..	61

CAPITULO XI	
DE COMO MEU POEMA VIROU PROTESTO POLÍTICO.....	65
CAPITULO XII	
DE COMO VENCI UM CONCURSO DE POESIA JAPONESA.....	69
CAPITULO XIII	
DE COMO APRENDEMOS ENSINANDO... ..	73
CAPITULO XIV	
DE COMO TRANSFORMAR ALUNOS EM AUTORES... ..	77
CAPITULO XV	
DE COMO CULTIVAR O AMOR.....	80
CAPÍTULO XVI	
DE COMO É IMPORTANTE COLHER O DIA... ..	83
CAPITULO XVII	
DE COMO A VIDA CONCORRIDA É MELHOR DE SER VIVIDA... ..	86
CAPITULO XVIII	
DE COMO CERTOS POEMAS TEM HISTÓRIA... ..	91
CAPITULO XIX.....	
DE COMO TRANSFORMAR UM SONHO EM REALIDADE... ..	100

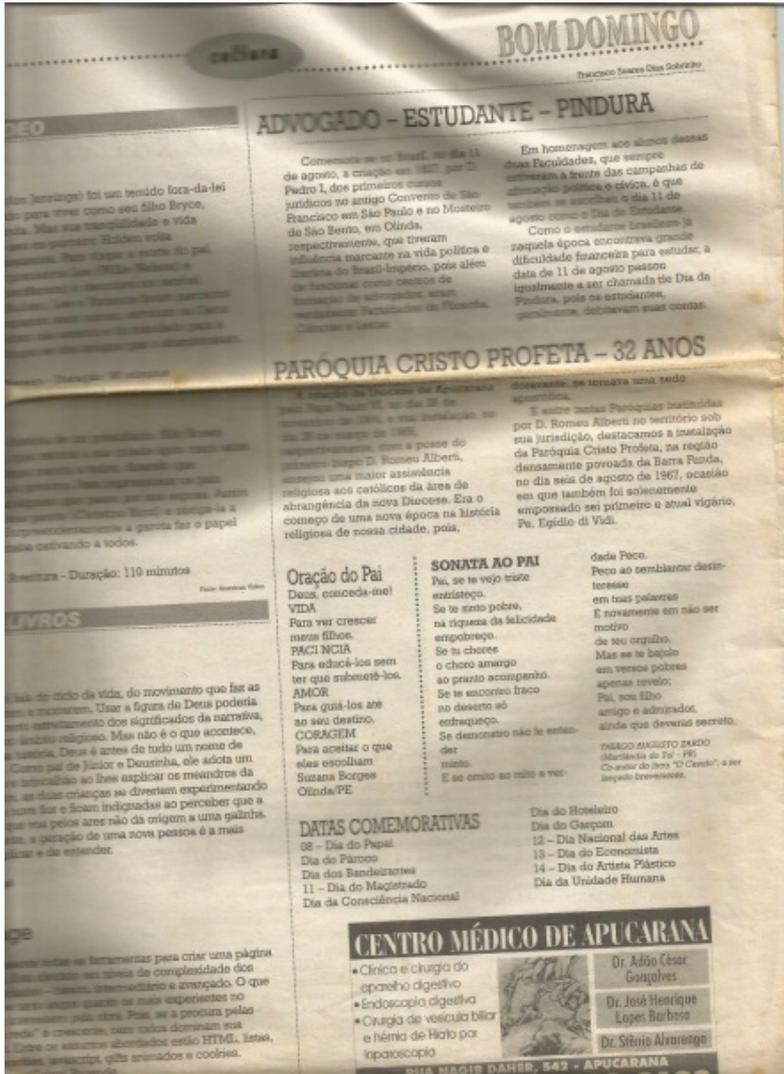
CAPÍTULO I

De como publiquei meu primeiro poema...

Um antigo ditado diz que “toda grande caminhada se inicia com um pequeno passo”. O meu pequeno passo, ou seja, a minha estreia literária aconteceu no dia 08 de Agosto do ano de 1999, num pequeno e quase imperceptível cantinho da página interna do suplemento de domingo da “Tribuna do Norte”, jornal de maior circulação em Apucarana e na região do vale do Ivaí, localizada no estado Paraná. E, apesar do texto ter ficado quase invisível à maioria dos leitores, para mim foi algo muito especial. Afinal de contas era uma ideia minha que estava impressa ali naquele cantinho, uma ideia que havia saído da minha cabeça e agora poderia ser lida e compartilhada por varias pessoas. Pessoas que eu nem conhecia, pessoas que nunca me conheceram, mas também lida por pessoas que eu conhecia e que me conheciam apenas como um jovem tímido e rebelde. E isso para mim já bastava. Foi o máximo. O texto publicado naquele dia dos pais no ano de 1999 e que me causou um misto de euforia e prazer foi um poema que havia escrito em homenagem ao meu generoso pai, que andava um pouco cabisbaixo devido a uma seria doença pela qual passava o seu pai, o meu querido avo Plácido Zardo. Infelizmente meu avo não resistiu à sua enfermidade e veio a falecer. Mas deixou um bom exemplo de honestidade e paciência. Meu pai aos poucos foi se recuperando do baque e eu, jovem tímido e rebelde, me envolvendo mais e mais com a poesia.

O tempo passou, já faz algum tempo que eu dei meu primeiro passo escrevendo e publicando aquele poema, mas ainda concordo

com cada verso de cada estrofe. E isso me leva a crer que realmente o tempo passa e não volta mais, mas os verdadeiros sentimentos, esses ficam... Como poemas impressos no livro do nosso destino.



Jornal Tribuna do Norte contendo o primeiro poema publicado por Thiago Zardo.

PAI

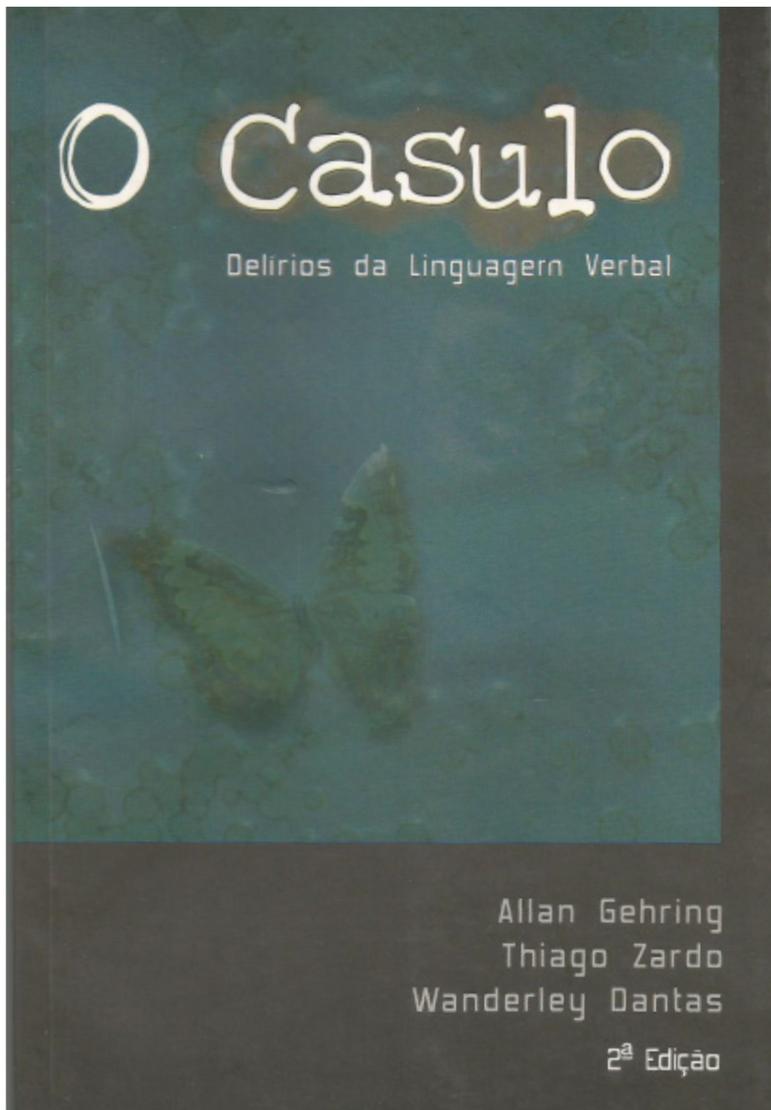
Pai, se te vejo triste
entristeço.
Se te sinto pobre,
na riqueza da felicidade
empobreço.
Se tu choras o choro amargo,
ao pranto acompanho.
Se te encontro fraco
no deserto só
enfraqueço.
Se demonstro não entender-te
minto.
E se omito ao mestre a verdade
peco.
Peco ao semblantar desinteresse
em tuas palavras
e novamente quando não sou motivo
de teu orgulho.
Mas se te bajulo em versos pobres
apenas revelo:
Pai, sou filho,
amigo e admirador
ainda que deveras
secreto.

CAPÍTULO II

De como publiquei meu primeiro livro...

Confesso que a sensação de ter visto meu primeiro poema sendo publicado na imprensa me causou tamanha euforia que pouco tempo depois eu havia reunido uma quantidade considerável de papéis avulsos com o intuito de publicar meu primeiro livro de poemas. É claro que a maioria deles não passava de confissões adolescentes sem nenhum valor literário. Outros até demonstravam certo valor, mas pareciam mais com pedras preciosas em estado bruto, que precisavam passar pelo processo de lapidação. E foi aí que eu encontrei o ourives certo, meu grande amigo Wanderley, mais conhecido como Wando. Ele é uma das pessoas mais especiais que eu já conheci, é generoso, inteligente, enxerga sempre um lado bom para tudo, mas o mais importante: é sincero. Hoje Wando é um respeitado professor universitário, viaja o mundo dando palestras e é reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho e pelo seu talento, mas na época da nossa juventude, ele também fazia das suas... Poesias, claro. Então eu resolvi mostrar-lhe o meu projeto literário e logo que apresentei meus poemas a ele, Wando já propôs fazermos o livro em parceria. E eu topei na hora. Um outro amigo e parceiro, Allan Gehring, também arriscava uns versos e prontamente topou entrar conosco naquela empreitada. Wando era o mais coerente e logo de cara excluiu um monte de baboseiras juvenis pretensiosas. Ainda bem! E após os primeiros cortes ele propôs que trabalhássemos juntos na melhoria dos poemas selecionados, para que o livro fosse escrito a seis mãos. E assim fizemos, foram varias as reuniões para trabalharmos no livro.

Líamos e relíamos todos os poemas juntos. Mexíamos e remexíamos, cortávamos, palpitávamos até altas horas da noite. Geralmente esses saraus aconteciam aos sábados à noite, pois na época eu estava fazendo cursinho pré-vestibular em Curitiba, Capital do Paraná. E assim, após quase um ano de reuniões, surgiu nosso primeiro livro intitulado “O casulo”, cheio de poemas adolescentes, rebeldes, furiosos, amorosos, ingênuos, mas totalmente verdadeiros e originais. Os temas abordados eram diversos: o amor, a revolta contra as injustiças do mundo e até foi incluído uma poesia minha, cujo tema proposto tinha o lixo como protagonista. Uma crítica social contra tanta poluição. Mas dentre todos aqueles poemas do Casulo, eu escolhi um que não foi alterado por nenhum de nós, um que não foi escrito a seis mãos, mas que meu amigo Wando considerava captar muito bem a essência do livro. E minha essência também.



Capa do primeiro livro de poemas lançado pelo autor em coautoria com os amigos Allan e Wando.

A LIRA DA CRISÁLIDA

Frustrarei
Se terminar
No fim dos meus dias
Como um
Comum.

Matarei
Os sonhos
A realidade
E a vida;

Como deve ser a morte
Deitada em meu leito
À espera de minha eutanásia vertiginosa
Delirando entre
Sensos e razões
Flores e botões
Paixão e cruz
Sangue e misericórdia
Preso na masmorra de meus bens.

CAPÍTULO III

De como poemas se tornam canções...

Se publicar um poema em um jornal é algo relativamente fácil, publicar um livro é bem mais difícil, principalmente se o livro for de poesia! E se for feito de forma independente então! Nem se fala. O problema é que quando você é um jovem sonhador, você insiste em cada ideia! Todas as dificuldades apresentadas pelo mundo parecem ser irrelevantes para os jovens sonhadores. E se não der certo o projeto, geralmente você esboça um “dane-se” e segue em frente.

Imprimir o livro de forma totalmente independente foi só o começo da empreitada e o início de um problema maior: vende-los. Bom, com o nosso livro “O Casulo” acredito que tivemos certo êxito, pois vendemos os 300 exemplares em menos de duas semanas. E com o dinheiro conseguimos pagar a impressão. Missão cumprida! Mas então mais uma vez a euforia de sonhador tomou conta de mim e eu consegui convencer os coautores Wando e Allan a publicarmos a segunda edição, também com 300 exemplares. Lembro-me que o Allan me perguntou: “E se não conseguirmos vender?” e eu lhe respondi: “Não se preocupa, nós iremos vender e se não conseguirmos, dane-se!”. O problema foi que a partir da segunda edição, todos os amigos e parentes e amigos dos amigos e parentes dos parentes dos amigos já possuíam nosso livro. A solução mais rápida para acabar com o estoque foi a doação. Doamos muitos exemplares, mas ainda assim tínhamos que pagar a segunda impressão para a gráfica. Foi então que surgiu uma ideia ainda mais mirabolante, a ideia de montarmos uma banda de rock e através da banda musicar os poemas e

tentar fazer a venda casada dos livros nos shows. E foi então que mais uma vez meu amigo Allan perguntou: “E se der errado?”. “Vai dar certo, e se não der, dane-se” disse eu. E assim o projeto da banda foi se concretizando. Vários poemas do livro se tornaram músicas, inclusive o poema “Lixo” se tornou uma música bem legal e foi até tocada em alguns festivais regionais. Chegamos mesmo a participar de vários festivais regionais com a nossa banda, até vencemos alguns! Alguns festivais com renome nacional, como o FEMUCIC (Festival de Música da Cidade Canção, de Maringá). E sempre que tocávamos em um festival eu comentava: “agora sim temos como emplacar um sucesso nas rádios de todo o Brasil!”. “E se fracassarmos” perguntava o parceiro Allan. “Dane-se, Allan” eu respondia.

Escolhi para representar essa época um poema que talvez demonstre bem a passagem pela turbulenta, controversa e espinhenta fase da juventude. Foi também com esse poema que a banda estreou num festival de música, se não me engano a apresentação aconteceu no Anfiteatro “Vianinha”, de Araçongas.

É claro que o nome da banda foi uma ideia do genial parceiro Wando. Não poderia ter um trocadilho mais adequado para a ocasião. A banda se chamava “Dani C!”.



Estúdio de ensaio da banda Dani C! Da esquerda para direita o guitarrista Giuliano e o baterista Serginho.

VESTIBLUES

I go home, my baby (3x)

Eu não posso sair com uma gata
Pois terei vestibular
Podia ser tudo mais simples
Mas tenho que estudar
Eu só queria tomar uns drinks
Mas tenho vestibular

Estou na melhor fase da vida
Mas Deus dá asas pra quem não sabe voar
E uma cobra com asas iria detonar!
Eu não posso curtir, eu não posso cansar
Estou ocupado demais com o vestibular

I go home, my baby (3x)

Eu sou fraco mamãe, não sei o que fazer
Já não agüento, mais!
Será que não dá pra descer?
Se eu não estudo estou errado
Se eu perco aula estou ferrado!
Mas quem mandou eu pensar?!
O tempo vai passar e eu sou quem precisa passar

I go home, my baby (3x)

É no espelho do banheiro até na sala de jantar

No teto, do concreto até no forro

Socorro!!!

As fórmulas estão me engolindo!

Calma eu já vou indo!

O mundo é lindo!

Será que não dá pra ir mais devagar?!

Não! Não! Não! Porque eu terei vestibular

I go home, my babe

Oh, baby! Eu já perdi muito tempo

(no vestibular, no vestibular)

Agora eu quero parar de pensar

(no vestibular, no vestibular)

Eu vou pedir um drink,

(no vestibular, no vestibular)

Chamar aquela gata pra conversar

(no vestibular, no vestibular)

E vou mandar tudo pro ar, e não vou passar!

Epa! Aí não! Acho melhor estudar!

CAPÍTULO IV

De como encontrei o amor incondicional...

O estúdio em que ensaiávamos e gravávamos nossas músicas ficava localizado no fundo da casa da “Maria do Salão”, mãe de dois integrantes da banda, os guitarristas Gilson e Giuliano. O local era assim chamado porque possuía um salão de beleza, o salão da Maria. E se a Maria usava o salão da frente, nos ficávamos com a salinha dos fundos, pois o espaço em que tocávamos tinha um pouco mais que dez metros quadrados, mas que incrivelmente abrigava uma bateria, um contrabaixo, seis guitarras, uma percussão, uma mesa de som, um baú cheio de fios, duas caixas de som, três pedestais para microfones, seis integrantes da banda (tendo o baterista quase dois metros de altura), três ou quatro amigos visitando os ensaios, uma caixa de isopor cheia de cerveja, a fumaça de umas três carteiras de cigarro por ensaio e muito, mas muito barulho de rock ‘n roll. Como sobrevivemos a tudo isso? Só Deus sabe. Talvez viver sempre no aperto (literalmente) foi uma das razões para que a banda sucumbisse depois de três anos de existência, ou melhor, insistência! Hoje penso que o sucesso não bateu a nossa porta, mas não porque ela ficava fechada nos ensaios e sim por um problema de personalidade, era intelectual demais para ser rock e rock demais para ser intelectual.

O fato é que depois dessa aventura musical eu resolvi dar um tempo para o verso e me embrenhei em outro universo, um universo que era o inverso do verso, a prosa. Lancei o livro de contos “A mentira patológica” que possuía quinze histórias especialmente concebidas para saciar a sanha de adolescentes curiosos e velinhas taradas. E devido

ao lançamento do livro eu fui até capa do suplemento de domingo do jornal “Tribuna do Norte” de Apucarana! Lancei-o na Bienal de São Paulo onde pude conhecer na ocasião um cara maluquinho chamado Ziraldo e conseqüentemente, ao retornar do evento eu fui convidado pela secretaria do estado do Paraná para participar da 1ª Bienal do livro de Curitiba. Depois disso eu até ganhei uma coluna mensal no jornal “O Radar” a convite da generosa jornalista e proprietária do periódico, Rosemary. Coluna que mantive por dois anos.



Thiago Zardo ao lado do cartunista Ziraldo, Bienal do livro de São Paulo.

Participar de eventos importantes de literatura e assinar uma coluna de jornal foram experiências legais, mas para mim, o grande acontecimento daquele ano não foi o lançamento do meu livro de contos e sim o nascimento de meu filho. Eu fiquei tão inspirado com a experiência única de ser pai que logo estava escrevendo versos e

mais versos em homenagem ao meu amado herdeiro. Um poema feito naqueles dias e que eu gosto muito, mas não só pelo conteúdo e também pela forma, é o soneto “AMOR INCONDICIONAL” que, além de refletir através das palavras os meus reais sentimentos, também reflete a forma gestacional de uma grávida. Note como ele possui curiosamente as silhuetas de uma gestante!

AMOR INCONDICIONAL

Que coisa mais louca é essa
Que nos toma por inteiro
E nos faz feliz à beça
Enchendo-nos de afeto verdadeiro?

Que força mais forte é essa
Que nos faz esquecer o dinheiro
E nos faz perder a pressa
Ao olhar com fascínio o herdeiro?

Que delírio divino de encanto fenomenal
É esse inabalável amor de inata sabedoria,
Extraordinária sensação de ternura imortal?

Que outro nome me teria essa força angelical
Pura e cristalina de zelo e apreço e idolatria
Se não de amor incondicional?

CAPÍTULO V

De como retornei a infância...

Enquanto eu participava da 1ª Bienal de Curitiba a convite da secretaria da cultura do estado, lembro-me de ter conversado com um amigo conterrâneo que me perguntou como estava a venda do meu livro de contos. Respondi que o lançamento foi bom, mas que depois a coisa esfriou. Talvez por eu não ser um autor conhecido nacionalmente, talvez por estar fora do eixo literário Rio-São Paulo, talvez porque o livro não fosse tão vendável quanto eu imaginasse... Então ele me disse que o negócio era fazer livro infantil porque eram os que mais vendiam e que tinham uma aceitação melhor do público, tanto das crianças quanto dos pais das crianças. E foi assim que resolvi escrever “O menino que fazia poesias”, um livro infantil que narra em verso a história de um menino tímido que se utiliza da poesia para se comunicar com o mundo. E que acha uma caneta mágica que tornava real tudo aquilo que ele escrevia em seus versos. Bom, guardando a devida proporção, posso considerar que o lançamento do livro foi um sucesso regional, pois vendi seiscentos exemplares só no lançamento, o que, convenhamos é algo significativo para uma cidade do interior de um estado brasileiro. A primeira edição de mil exemplares acabou rapidinho e como eu estava recebendo vários convites das escolas para realizar visitas literárias, então tive que rodar a segunda edição. E foi muito legal, porque através dessas visitas literárias eu pude entender um pouco mais sobre a relação entre o escritor e o leitor. Mas foi nessas mesmas visitas que eu descobri que se os alunos das escolas particulares podiam comprar meu livro, os

alunos das escolas públicas não podiam. Então eu tive uma ideia. Liguei para a secretaria de educação de Apucarana e pedi a relação de todas as escolas publicas. Em seguida fiz uma relação de amigos empresários. Depois montei um kit para cada escola contendo 5 exemplares do meu livro e os vendi aos empresários a preço de custo. A ideia deu certo. Todas as trinta e sete escolas públicas receberam o kit. Também os kits foram entregues a todas as creches municipais. Mas antes de entrega-los eu fazia questão de ler um poema que escrevi e que salientava a importância de ler os livros, ao invés de apenas possuí-los. O poema até se tornou parte do convite da feira do livro promovido pela secretaria municipal de cultura de Apucarana. Ah, e também foi declamado por um aluno de escola publica na abertura oficial da feira.

Venha participar!

**As visitas serão agendadas
Nos seguintes horários:
9h às 11h e
14h às 17h, pelo telefone:
(43) 3423-1954 com a Sr^a
Rosângela Mineo**

Livro

*Tem coisa mais inútil que um livro fechado
Servindo apenas de mero emblema na estante,
As bráçãs abandonado e aos retos deixado,
Mofando sabedoria, mas do leitor distante?*

*Tem coisa mais sem valor um livro fechado
Desprezado como se não fosse importante
Guardado, resido, esquecido, torrado privado,
Sealitando tanto conhecimento significativo?*

*Abre um livro, manuseie-o, sentir a impressão
Atribui ao homem o seu real enriquecimento;
A leitura para a mente é fonte de alimentação.*

*Livro aberto é tesouro encantado, diversão,
É mina de idéias, é o casulo do conhecimento,
É semente que germina o fértil solo da inspiração.*

Thiago Zardo

Parcerias:
**Prefeitura Municipal de
Apucarana
Colégio Estadual Nilo Cairo
Jornal Tribuna do Norte
FACED
Fundação Cultural**



**PREFEITURA
MUNICIPAL
DE
APUCARANA**



**SECRETARIA MUNICIPAL DE
DESENVOLVIMENTO
HUMANO**

**IX FEIRA DO
LIVRO**



**14 a 16 DE
ABRIL DE 2010**

Convite da IX feira do livro de Apucarana com poema do autor.

LIVRO

Tem coisa mais inútil que um livro fechado
Servindo apenas de mero enfeite na estante,
Às traças abandonado e aos ratos deixado,
Mofando sabedoria, mas do leitor distante?

Tem coisa mais sem nexo um livro fechado,
Desprezado como se não fosse importante,
Guardado, retido, esquecido, tornado privado,
Sepultando tanto conhecimento significante?

Abrir um livro, manuseá-lo, sentir a impressão
Atribui ao homem o seu real enriquecimento;
A leitura para a mente é fonte de alimentação.

Livro aberto é tesouro encantado, diversão,
É usina de ideias, é o casulo do conhecimento,
É semente que germina o fértil solo da inspiração.

CAPÍTULO VI

De como montei uma biblioteca infantil...

O meu livro “O menino que fazia poesias” já estava com sua terceira edição esgotada e eu agora conhecia todas as escolas públicas e particulares de Apucarana. E provavelmente era conhecido por todos os alunos. Visitar todas aquelas escolas me deu um conhecimento maior sobre os meus pequenos leitores, que são tão espontâneos quanto verdadeiros em suas opiniões. Mas uma visita em particular me causou certa comoção. A visita que eu fiz para entregar o kit em um abrigo para menores de idade conhecido como “Casa do Dodô”. O local que é em grande parte sustentado pela doação de pessoas da comunidade abriga desde crianças recém-nascidas até adolescentes. As crianças que estão lá foram abandonadas pelos pais, ou tiradas de pais alcoólatras e viciados, ou de pais que maltratam os pobres indefesos pequeninos. Crianças que realmente precisam de muita coisa, talvez precisem de tudo; desde alimentação e abrigo até bons tratos, mas principalmente precisam daquilo que talvez mais lhes falte: amor. Foi então que pensei em uma forma de tentar usar a literatura como mais uma ponte para que talvez eles pudessem transpassar esse rio de infortúnios. Pensei que se talvez essas crianças tivessem a companhia de livros para passarem o tempo, talvez a leitura e o contato com livros poderiam ser uma fuga para um mundo imaginário, mais bonito! Talvez até um estímulo! Então resolvi que iria montar um acervo literário infantil para o abrigo do Dodô. Para juntar o dinheiro eu escrevi dois poemas em formato de literatura de cordel, porque na época eu estava pesquisando e escrevendo poemas de

cordel. Em seguida visitei uma escola que estava estudando o assunto literatura de cordel e propus aos alunos um concurso de desenho para ilustrar a capa. Deu certo! O concurso aconteceu, eu banquei do próprio bolso a confecção dos folhetos e novamente procurei os amigos empresários. Cada cordel foi vendido a um real e cada um ajudou como pode. Depois de arrecadar o dinheiro eu entrei em contato com um livreiro da cidade e pedi a ele que me fizesse um preço promocional na venda dos livros, pois os mesmos seriam doados. Ele topou dar um bom desconto e eu consegui adquirir mais de duzentos e cinquenta livros infantis. E depois disso eu descobri o quanto é poderosa e tem valor uma atitude verdadeira. E também descobri que para se fazer algo só existe um caminho: fazendo! E que quem quer fazer algo faz, quem não quer, arruma desculpa! Até escrevi um poema sobre essa história de como fazer as coisas:



Lançamento do primeiro livro infantil. Da esquerda para direita Bia, Thiaguinho, o autor e a ilustre ilustradora Larissa.

KNOWHOW

A melhor teoria é a pratica,
Só se faz algo fazendo
E não há melhor tática
Que errando e aprendendo.

Quer aprender gramática?
A melhor forma é lendo!
Quer aprender matemática?
A melhor forma é exercendo!

Só se aprende andar andando
E não há melhor empreita
Que aprender a falar falando.

Só se vive a vida vivendo
E parece obvio a receita,
Mas só se faz algo fazendo!

CAPÍTULO VII

De como tive um cordel lido na TV...

Continuei pesquisando e escrevendo poemas em formato de cordel, depois de publicar independentemente os dois primeiros intitulados “O Burro sabido” e “A Epopeia de Zé Maria no reino da Mais-valia” (que foram vendidos para angariar fundos para comprar o acervo de livros para o abrigo do Dodô) eu escrevi os cordéis “O Agricultor”, “Gol de Letra” e “Lixo Bicho É”. Este ultimo cordel citado é aquele mesmo que apareceu pela primeira vez no livro “O Casulo” intitulado apenas como “Lixo” e que depois virou musica da banda Dani C! Digamos que eu dei uma reciclada no meu “Lixo”.

Sempre que me sobrava disponibilidade de tempo eu visitava uma escola e propunha o desafio da ilustração da capa feita pelos alunos. Esse processo foi muito bem aceito pelos alunos e funcionava assim: primeiro eu marcava um bate papo literário e falava sobre o que era literatura de cordel. Depois eu propunha o desafio do concurso e deixava o poema com o professor responsável. Os alunos ficavam encarregados de fazer os desenhos da capa para o concurso. Então depois de um tempo combinado eu retornava à escola e pegava os desenhos para selecionar os três melhores. Em seguida eu levava até a escola os três selecionados e com a ajuda do professor escolhíamos a mais adequada para o tema. Quando o cordel ficava pronto, a gente marcava um dia para fazer o lançamento na escola. Nenhum cordel era comercializado. Todos eram distribuídos em minhas visitas literárias pelas escolas por onde eu passava. Mas a minha história com cordéis não parou por ai. Em 20013 uma serie de protestos populares

explodiu pelo Brasil afora. Eu havia acabado de lançar o cordel em homenagem ao dia do agricultor (28 de Julho). Então resolvi enviá-lo ao programa de TV Dia Dia Rural, do canal Terraviva da emissora Band. E qual foi minha surpresa? No outro dia o apresentador começou a ler e comentar trechos meu cordel ao vivo! Foi muito bacana ter visto meus versos serem lidos na TV para milhões de telespectadores. Para ser sincero, foi demais! Senti aquela mesma sensação quando li meu primeiro poema publicado no jornal.

O AGRICULTOR

*“Vós que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fruto e a flor,
Acaso esqueceis os ásperos e amargos
Tempos do sementeiro?”*

Machado de Assis

Meu caríssimo senhor leitor
Trate bem o nosso agricultor,
Pois sem ele não há comida
Nem tampouco há bebida.
Quem hoje já se alimentou,
Se vestiu e até se perfumou
Deve um obrigado ao produtor
Do campo, ao nobre agricultor.

Sem o ilustre agricultor
E todo seu árduo labor
Nenhuma nação come
E a civilização passa fome.
De manha o nosso café
Vem do sitio do seu Zé
E o pãozinho gostosinho
Vem do trigal do vizinho.

O “leite de caixinha” sai da vaca
Que o seu Zé alimenta e trata,
O queijo da feira vem também
Da vaca malhada que ele tem.
A carne saborosa do almoço
Feita no churrasco e sal grosso
Também procede do campo
E é fruto de muito trampo.

A fruta por dentro macia
E por fora dura, a melancia,
É fruto do esforço e ardor
Da enxada de um lavrador,
A alface verde da salada
Que já vem embalada
Na prateleira do mercado
Um dia conheceu um arado.

O açúcar que nossa vida adoça
Vem da cana plantada na roça,
Também o doce mel das abelhas,
A lã quentinha e macia das ovelhas,
As verduras e as leguminosas,
As frutas todas tão saborosas
Que nas cidades são vendidas
No campo foram produzidas.

A vassoura, o milho e a pimenta,
A farinha de mandioca e a polenta
Vendidas todo dia no armazém
Adivinha cidadão, de onde vem?
A famosa aguardente cachaça,
O vinho, a graspa da bagaça,
O fumo de corda do pito diário
Provem do mundo agrário.

O frango e o ovo da galinha,
Todos os condimentos da cozinha
Vem da roça de um produtor
Que não tem diploma de doutor,
Mas sabe trabalhar com amor
Inclusive para cultivar a flor
Que presenteamos as pessoas
Que amamos, que achamos boas.

A mussarela da pizza de calabresa,
O maracujá do mousse da sobremesa,
O feijão, o paio, a laranja da feijoada
Também advêm da terra cultivada.
A roupa fofinha 100% de algodão,
A borracha do pneu do caminhão,
O cinto de couro, a bolsa e o sapato,
A madeira que molda o porta-retrato,

Até mesmo o álcool combustível
E o óleo de soja que é comestível
Advém da roça de um produtor
Que denominamos agricultor.
Mesmo quem só estuda a cultura
Na cidade, necessita da agricultura,
Pois o diploma do estudado doutor
É papel de árvore plantada por lavrador.

Sabe quem produz a cevada
Que fermenta a cerveja gelada
Que fomenta o bate papo legal
Nas festas juninas e carnaval?
É o incansável homem da terra
Que produz comida e não guerra
E que levanta cedo e vai à luta,
Mas sem armas, com labuta.

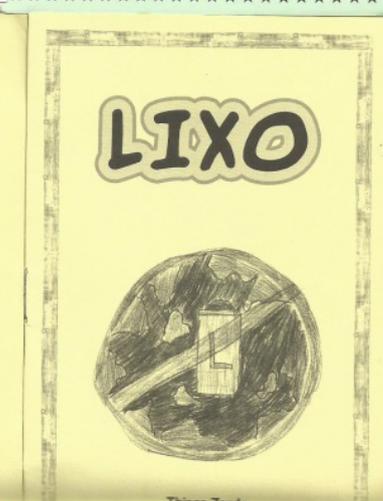
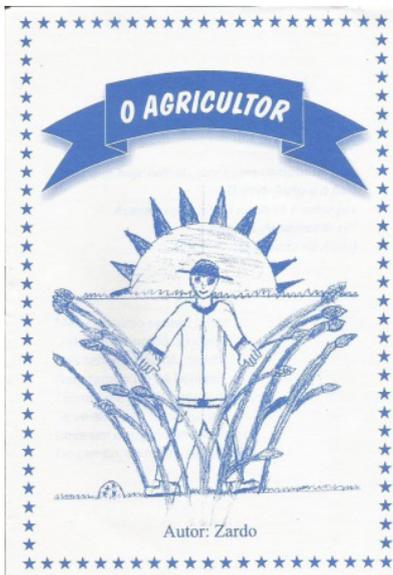
Não importa de que lugar venha
Não importa o nome que tenha:
Pecuarista, produtor rural, lavrador,
Campeiro, leiteiro ou agricultor...
Faça sol ou chuva, todo dia
O homem do campo irradia
Persistência e força de vontade
Dando exemplo de sagacidade

E também de perseverança,
Pois nunca perde a esperança,
Nem por excesso de seca ou aguada,
Nem por falta de sol ou geada.
Mesmo quando perde a lavoura
Seja de arroz, feijão ou cenoura
O homem do campo se levanta
Cedo e reinicia uma outra planta.

Portanto, pense bem ao criticar
Esse cidadão que pode alimentar
O planeta inteiro com seu suor
E faz do mundo um lugar melhor,
Pois se precisássemos produzir
Tudo o que queremos consumir
Imagina que caos a vida seria
E quanta gente no mundo padeceria?

Obrigado a você agricultor
Que trabalha com tanto amor
Para sempre deixar nossas vidas
Mais fáceis de serem vividas.
E não esqueça homem da cidade:
Pra seu conforto ter viabilidade
Só através de muito trabalho e suor
Do agricultor, que faz o mundo melhor.

A mais antiga das profissões
Entre todas as civilizações
Merece respeito e não bravata
Do homem urbano de gravata,
Pois quem hoje já se alimentou,
Se vestiu e até se perfumou
Deve um obrigado ao produtor
Do campo, ao nobre agricultor.



Capas dos cordéis ilustradas por alunos.

CAPÍTULO VIII

De como meu poema embarcou em coletivos...

Nas minhas andanças e bate-papos literários eu pude conhecer varias pessoas comprometidas com a literatura, e não me refiro apenas aos professores, mas pessoas que como eu são sonhadores incorrigíveis. Realizei algumas parcerias com esses. Uma entidade que sempre me convidou para semear meus versos em visitas escolares foi o SESC de Apucarana. Aliás, agradeço ter sido sempre convidado desde os tempos dos primeiros festivais poéticos nos idos do ano 2000. Já faz algum tempo que realizamos visitas em varias escolas, tanto nas publicas quanto nas particulares. Também realizei na própria sede do SESC de Apucarana alguns lançamentos de livro, geralmente nas semanas literárias que eles promovem. Como exemplo posso citar o lançamento do meu primeiro livro infantil “O Menino que Fazia Poesias” e depois o lançamento dos meus cordéis. Foi lá também que realizamos a entrega dos kits para todas as escolas publicas, doados por empresários da cidade. Inclusive o meu segundo livro infantil, dedicado a minha filha Maria Augusta, foi lançado lá. O livro intitulado “A menina que gostava de ler” também foi distribuído para todas as escolas de Apucarana através realização da parceria com meus amigos empresários. E foi atendendo a um pedido do pessoal do SESC para um projeto literário chamado “A Poesia pede Carona” que eu escrevi um poema, cujo intuito era o de ressaltar as vantagens que acompanham o bom habito de leitura. O projeto era o seguinte: o poeta entregava ao SESC um poema e o SESC imprimia o poema em adesivos que eram colados dentro de vários ônibus coletivos, para que o poema pudesse ser lido por eventuais passageiros enquanto

os ônibus circulassem pela cidade. O projeto era uma forma de incentivo a leitura e a produção poética da cidade. O meu se chamava “LEITURA” e para mim, leitura e passageiros tem mesmo muito a ver, até porque ler é uma forma de viajar... Ler é viajar pelos caminhos do conhecimento!

SEMANA LITERARIA SESC
& FEIRA DO LIVRO - 32 ANOS
16 A 20 SETEMBRO 2013

Leitura

Digo por experiência
E não por vaidade,
Leitura tem finalidade
De promover sapiência.

Tal hábito requer paciência,
Mas promove muita qualidade:
Estimula criatividade,
Desenvolve inteligência,

Leitura melhora a dicção,
Enriquece vocabulário
E nossa forma de expressão.

Leia. Seja esperto, não otário,
Viaje na imaginação,
Leitura é gratuito erário!

Thiago Zardo

Fecomércio PR
Sesc - Sescap - Sesc

Sesc Apucarana
Rua São Paulo, 150 • (43) 3422-1323 • www.sescpr.com.br

Adesivo com poema do autor colado em ônibus coletivo, Projeto do SESC de Apucarana intitulado “A poesia pede carona”.

LEITURA

Digo por experiência
E não por vaidade,
Leitura tem finalidade
De promover sapiência.

Tal hábito requer paciência,
Mas promove muita qualidade:
Estimula criatividade,
Desenvolve inteligência,

Leitura melhora a dicção,
Enriquece vocabulário
E nossa forma de expressão.

Leia. Seja esperto, não otário,
Viaje na imaginação,
Leitura é gratuito erário!

CAPÍTULO IX

De como fazer uma dezena de livros de uma só vez...

O meu segundo livro infantil também havia esgotado a primeira edição. E foi com “A menina que gostava de ler” que eu continuei a realizar minhas visitas literárias, muitas delas a convite do SESC de Apucarana. Mas um dia recebi um e-mail de uma professora do próprio SESC que se chamava Léia. No correio eletrônico ela me convidou para uma visita literária especial, pois era um pouco diferente das outras que eu havia realizado. Léia me apareceu com uma proposta diferente, pois não era apenas realizar uma visita. A diferença era que a visita teria a presença dos alunos e dos pais dos alunos também, o que achei fantástico, pois no dia da minha visita, eu pude abordar e explorar o assunto sobre a importância da leitura, não só para as crianças, mas também para os pais ou responsáveis por elas. Meu poema “A menina que gostava de ler” que tratava sobre a importância da leitura foi o começo da conversa que eu tive com eles. Depois continuei falando sobre a importância de um adulto ler para uma criança e até consegui me lembrar de uma frase de um cidadão que viveu há muito tempo atrás, antes mesmo de Cristo passear pelo nosso planeta. Seu nome era Pitágoras e sua frase: “educuem as crianças e não será necessário castigar os homens”.

Assim surgiu a ideia do desafio de criarem não apenas um livro na turma da escola, mas cada aluno produzir seu próprio livro. Cada aluno auxiliado pelos pais criaria uma história... As temáticas das histórias poderiam ser livres, desde que seguissem apenas uma regra: fossem feitas em parceria entre as crianças e seus pais, ou responsáveis. Claro que tudo sob a supervisão da professora Léia. Para mim, ideia

de utilizar o livro como instrumento de aproximação entre pais e filhos, não apenas de aproximação com a leitura, mas realizando passo a passo a própria produção do livro era sensacional! Trabalhosa, mas fantástica e empolgante. Fiquei inspirado e logo depois da visita ela me pediu que escrevesse um texto dando algumas dicas práticas de como escrever um livro infantil, para que ela pudesse enviar aos pais e para que os pais notassem que escrever uma pequena história não é tão difícil assim. Basta semear um pouco de boa vontade na fértil terra da imaginação! Inspirado na ideia do projeto da professora Léia eu escrevi e enviei a ela um poeminha infantil que, pelo jeito serviu de inspiração, pois os livros artesanais ficaram muito bacaninhas! Léia batizou seu projeto de “Viajando pelos caminhos do conhecimento”.



Capa do segundo livro infantil.

LITERATURA



Segundo obra é uma homenagem do escritor à sua filha | Foto: Sérgio Rodrigo

THIAGO ZARDO lança livro infantil

Obra a "A menina que gostava de ler" será apresentada oficialmente nesta sexta-feira

FERREIRA MARI
reportagem

Para homenagear o escritor Monteiro Lobato, o dia 18 de abril, data de seu aniversário, foi instituído como o Dia Nacional do Livro Infantil. É claro que, apaixonado por leitura desde a infância, o escritor e poeta Thiago Zardo de Apucarana, não poderia deixar de homenagear este ícone da literatura brasileira. Ele lança seu segundo livro infantil "A menina que gostava de ler"

"Foi minha estreia no universo da literatura infantil e veio com a fantástica experiência de ser pai pela primeira vez", recorda.

Mas é que os livros são tão comuns, além de serem votados às crianças? Os dois foram dedicados aos seus filhos: Thiago de 4 anos, e Maria Augusta, de 7 meses. "Criei em homenagem aos meus pequenos, mas além de incríveis, mas a ler, quero que outras crianças também se tornem leitoras. Sou tão apaixonado pelas



**THIAGO ZARDO
ESTREOU NO
UNIVERSO DA
LITERATURA
INFANTIL**

compre na livraria de shopping CentroBom.

**DE LEITOR
A ESCRITOR**

O hábito de ler foi despertado, segundo Thiago Zardo, ao ler um livro de poesia ainda na infância. Anos depois, de novo, ele passou a ser escritor ao permitir livro de poemas ao "Cavale". Mas foi através do projeto "Viva poesia", organizado pelo Sesc de Apucarana, que participou de bate-papo com crianças e

Matéria no jornal Tribuna do Norte sobre lançamento do segundo livro infantil.

**A EPOPEIA DA CENTOPEIA ou
COMO FAZER UMA HISTÓRIA INFANTIL**

Uma história de ficção
Não é difícil de se contar,
É só parar para pensar
E usar a imaginação!

Escute a voz de seu coração
E deixe sua mente sonhar,
“Era uma vez...” é o bordão
Mais fácil para começar.

Depois é só continuar
Contando a contação,
Não tem limites pensar,
Desde que tenha emoção.

Agora darei o exemplo
De uma onomatopeia:
História de bicho que fala,
Esse bicho é a centopeia.

Pode ser sobre a centopeia
Que sapatos queria comprar,
Ou quem sabe a epopeia
De uma centopeia milenar?

Pode ser sobre a centopeia
Que tinha um chulé lascado,
Ou sobre uma centopeia
Que fazia sapateado!

Mas me veio outra ideia
Que estou louco para contar,
É sobre uma centopeia
Que adorava ensinar.

O nome da centopeia
Já, já eu vou revelar:
Seu nome era Léia,
Uma professora escolar!

Agora que dei meu conselho
Acho melhor parar de falar,
Chega de meter meu bedelho.
Vocês já podem continuar...

CAPÍTULO X

De como um poema se tornou sacola ecológica...

Gostaria de aproveitar este parágrafo para esclarecer uma coisa ao leitor que talvez eu já teria que ter esclarecido. Este livro que agora você possui em suas mãos não é um livro autobiográfico do autor, apesar de contar uma parte interessante de minha vida, tanto pessoal quanto aortal. Este livro é apenas um relato de alguns poemas meus que foram semeados por aí. Talvez eles nem sejam os meus melhores poemas, se analisados do ponto de vista literário, tampouco sejam os piores. Mas com certeza eles são os que se tornaram mais que apenas poemas escritos e publicados, pois eles foram publicados das formas mais variadas e até estranhas possíveis. Este livro é sobre os poemas que de certa forma ganharam vida própria. Por exemplo, poemas que foram adesivados no interior de ônibus coletivos. Poemas que se tornaram protestos políticos espalhados por outdoors. Poemas que viajaram livres em balões, sem destino certo. Poemas que se tornaram músicas e venceram festivais. Poemas que serviram de inspiração para outros poemas. E até sobre um poema que foi transformado em folheto de cordel e que foi trocado por lixo reciclável! Sim, isso mesmo, foi o que aconteceu com o poema “Lixo bicho”. Aquele que surgiu pela primeira vez no livro “O Casulo” e que depois se tornou letra de música e ganhou troféu em um festival. Veja onde esse poema foi parar: quando o “Lixo” se tornou cordel ilustrado por um aluno e foi impresso, cada folheto impresso, ao invés de ser comercializado em dinheiro, foi trocado por um quilo de lixo reciclado. O lixo, por sua vez, foi recolhido e entregue para a associação de catadores de

lixo reciclável de Apucarana. Mas a história desse poema não parou por aí, não. Imagine que depois de se tornar moeda de troca para lixo reciclável ele virou inspiração para a confecção de sacolas ecológicas! Sacolas confeccionadas por alunos de uma escola técnica de costura, com tecido doado por uma fábrica multinacional, cujo objetivo era o de arrecadar fundos para uma escola para alunos especiais, conhecida como APAE. Junto com a sacola vinha uma etiqueta com o poema impresso. Quem diria que eu teria um poema divulgado assim, desta forma extraordinária! Como texto de uma etiqueta ecologicamente correta em uma sacola ecologicamente correta! É, parece que não existem limites para a linguagem humana. E algumas pessoas continuam afirmando que a poesia não possui função nenhuma a não ser a função de ser poesia. Pode até ser, mas algumas poesias parecem transpor essa barreira e ir além. Alguns poemas parecem ter uma força de encantamento que são realmente inspiradoras. E foi inspirado nessa ocasião que eu escrevi este soneto:

A MAIOR INVENÇÃO DA HUMANIDADE

A maior invenção da humanidade
Não foi a agricultura, nem a roda,
Não foi o ferro fundido, ou a moda,
Nem carro, nem casa, nem cidade.

A maior invenção da humanidade
Não foi o avião, não foi a ciência
Que explica tudo com coerência
Em suas aulas na universidade.

Foi sim aquilo que iniciou essa viagem
Extraordinária pela criação de tudo:
Do bem ao mau, da mentira a verdade.

A maior invenção da humanidade
Não é segredo, esta na ponta da língua
De todo mundo e se chama linguagem!



Ecobag inspirada no poema "LIXO BICHO É"

CAPÍTULO XI

De como meu poema virou protesto político...

Terminei o capítulo passado com uma homenagem ao extraordinário poder da linguagem humana. Mas, infelizmente, tudo que possui poder atrai também pessoas mal intencionadas. E por falar em políticos, aliás, em pessoas mal intencionadas, elas abundam o universo político. Sempre tentando nos ludibriar com suas linguagens dissimuladas e seus discursos enfadonhos. E tudo para conquistarem nosso voto. Mas o que é afinal o voto? Apenas a linguagem do sufrágio universal? Uma conquista da democracia? Apenas o direito de exercer a democracia? Se pensarmos um pouco mais profundo, o voto é algo muito mais sério do que apenas exercer o ato de cidadania. Voto é algo muito mais sério do que podemos constatar, é muito mais sério que esse circo eleitoral que aparece de dois em dois anos. O voto não é só uma arma contra a ditadura. Alias voto não é arma, pois arma não é obrigatória. O voto está mais para uma procuração, uma procuração que o eleitor entrega nas mãos de um candidato autorizando-o a fazer o que bem entende usando seu nome. E uma procuração que tem validade por quatro anos! O voto é algo muito maior do que apenas apostar numa corrente política e ideológica. Voto é aval. Sim, é como se você eleitor estivesse avalizando um candidato, dando-lhe todo o direito de fazer o que bem entende, pois você o garante e se ele não cumprir com o prometido, você é quem paga. E quem é ou já foi avalista sabe muito bem do que eu estou falando. Enfim, voto é muito mais do que se apresentar para apertar os botões da urna como se estivesse jogando numa máquina caça níquel. O voto é como um

cheque assinado e dado ao portador, mas não preenchido o valor. É como um cheque em branco. Agora, sejamos sinceros, para quantos candidatos você teria coragem de entregar um cheque assinado em branco?

E foi cansado de ver e ouvir tanta maracutaia de politiqueiros que eu resolvi protestar. Escrevi um poema, um soneto intitulado “VOTOS SINCEROS” e contratei uma empresa de outdoor de Apucarana. Ao lado do poema tinha um cartaz em estilo desses de faroeste contendo os dizeres: “Procura-se político honesto, recompensa: meu voto”. É claro que não foi o bastante para mudar o mundo nem acabar com a corrupção política, mas sinceramente, acho foi melhor do que não ter feito nada, pois como me disse um dia meu amigo Wando: “o pouco é muito perto do nada”.

Protesto político com soneto “VOTOS SINCEROS”.



VOTOS SINCEROS

Antes que fiques tenso
Com minha franca crítica
Quero dizer o que penso
A respeito da tua política:

Só quem vive num imenso
Mar de pobreza analítica,
Sem um mínimo de bom senso
(ou uma cabeça sífilítica)

Crê em promessa patética
E em discurso vazio.
Quem compra voto perde ética,

Quem vende voto é imbecil,
E quem pratica tal dialética
Que vá a urna que o pariu.

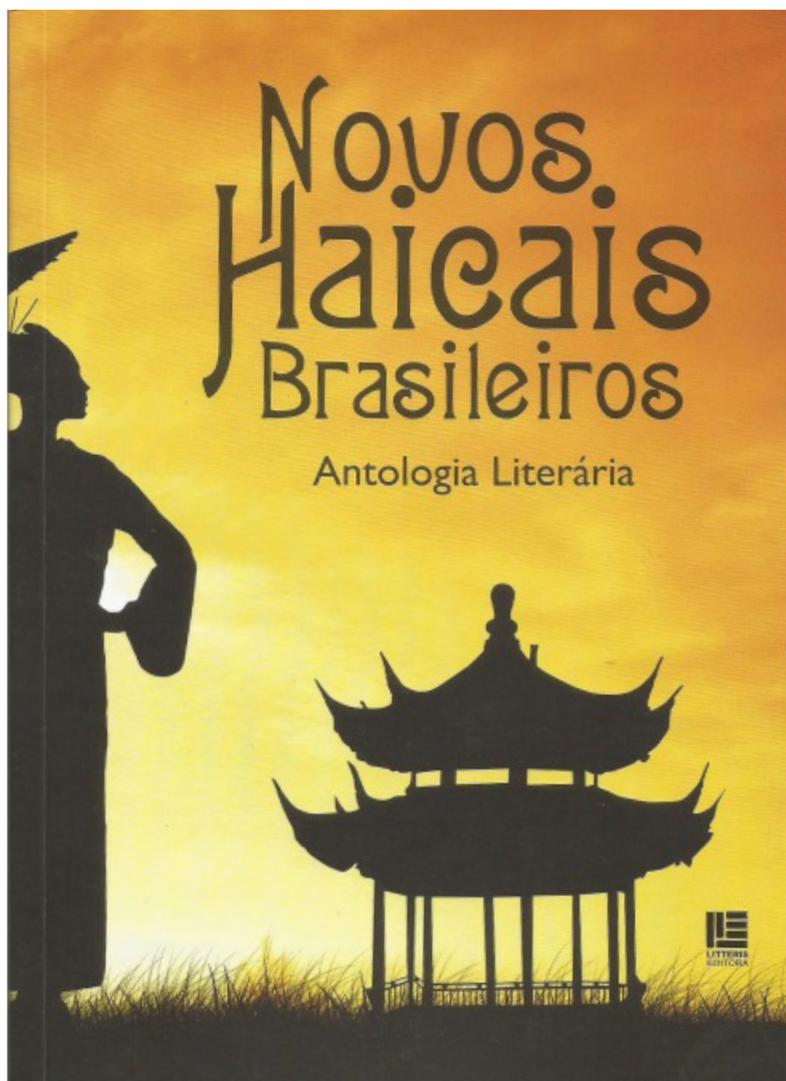
CAPÍTULO XII

De como venci um concurso de poesia japonesa...

Mais de dez anos desde a minha estreia literária e eu já acumulava algumas histórias. Publiquei poemas em jornais, lancei livros, montei banda de rock, tive poema adesivado em ônibus coletivos, tive poema lido na TV em rede nacional, tive poema fazendo protesto político em outdoors, tinha escrito dois livros infantis, visitado muitas escolas... Mas ainda me faltava algo. Algo que de certa forma poderia me legitimar como poeta. Algo que pudesse me dar um reconhecimento, não apenas como poeta, mas como poeta que tinha alguma qualidade que, se não fosse literária, pelo menos diletta. E foi então que eu resolvi que deveria participar de alguns concursos literários. Não sei ao certo de quantos participei, mas acho que não foram muitos. Talvez uma dezena deles. Eu até ficava um pouco ansioso e corria olhar na internet o resultado dos dois ou três primeiros concursos, mas depois desta tentativa frustrada de levantar minha autoestima eu desisti até conferir os resultados. Afinal de contas a vida continua e não é por causa de falta de êxito em alguns concursos que eu deveria parar de produzir os poemas. Além disso, eu havia me tornado pai de família, cheio de responsabilidades e contas a pagar. E não seria com poesia que eu as pagaria. Pois é, meu primeiro poema publicado foi uma homenagem ao meu pai, algo que agora eu começava a entender na prática o que era. Pois é, agora eu era pai e estava casado. Casado há oito anos. Foi então que minha esposa me lembrou de que havia se passado oito anos desde que escrevemos uma carta endereçada a nós mesmos, só que para ser aberta no futuro. Uma capsula do tempo

em que eu tinha proposto a ela que escrevêssemos ainda no primeiro ano de casamento. Uma carta em que tentássemos adivinhar o futuro, onde imaginariamos, por exemplo, onde estaríamos e quantos filhos teríamos, o que estaríamos fazendo da vida, se estaríamos mais pobres ou mais ricos, se estaríamos felizes e ainda nos amando... Esse tipo de coisas que só o tempo é capaz de realizar. Para comemorar a data e abrir a carta eu comprei uma viagem só para nós dois, para que pudéssemos ter uma segunda lua de mel. O destino escolhido foi Punta Del Este. E enquanto assistíamos ao renomado por do sol na Casa Pueblo eu pedi que ela abrisse a carta. Lemos emocionados o conteúdo enquanto o sol lentamente se dissipava por detrás das montanhas. Na carta constava que teríamos dois filhos, que estaríamos numa casa nova, mas eu também havia escrito que teria ganhado um concurso poético. Tudo profeticamente acertado sobre a nossa família, mas e o premio literário?

Ao retornar ao Brasil eu recebi um telefonema de uma editora que me parabenizava, pois eu havia vencido o concurso de haicais, poesia em estilo japonês. É, parece que poeta rima mesmo profeta!



Capa do da antologia “Novos Haicais Brasileiros” da editora Litteris.

LIVRO

Sem mais para dizer:
O livro é
O DNA do saber.

LEITURA

Presta atenção, gente,
Leitura tem que ser hábito
Como escovar dente!

POETA

O poeta, na verdade,
É o espelho lúdico
Da realidade.

POESIA

Uma definição final:
Poesia é arte, a arte
Da linguagem verbal.

CAPITULO XIII

De como aprendemos ensinando...

Vencer um concurso literário é como colher os frutos das sementes que algum dia semeamos... E que sementes germinaram, cresceram e deram bons frutos. Vencer um concurso literário nos dá motivação para acreditarmos que o que estamos fazendo está dando resultado. É um reconhecimento pelo trabalho e um novo estímulo para continuarmos semeando nossos sonhos. Eu nunca pensei em fazer poesia para ganhar dinheiro e acredito que a maioria dos poetas também não. Pelo menos a maioria dos poetas modernos, pois na Grécia antiga a poesia era feita para competir em festivais e aos vencedores era dado todo o status que hoje recebe qualquer celebridade de cinema; reconhecimento, grana, fama e etc. Mas será que devemos fazer arte com o intuito de competição? Ou a arte deve ser feita pura e simplesmente por fazer arte? Será que poesia que se faz para vender? Pensar estas questões poéticas me fez lembrar-me de uma visita literária que realizei certa vez em uma escola pública, onde havia uma menina questionadora que quase não me deixava falar, de tantas perguntas que me fazia. Primeiro ela me perguntou o que é a poesia? Eu respondi que a poesia é uma arte, a arte da linguagem verbal. Assim como o pintor é o artista das cores e o músico o artista dos sons, o poeta era o artista da linguagem verbal! Então ela me perguntou por que eu fazia poesia? E na mesma hora eu respondi que sei lá, talvez para expressar meus sentimentos, pois se a poesia é uma arte, a arte

é a expressão de um artista! E sempre que eu a respondia ela continuava me indagando. Ao final do bate papo a professora me contou que ela também fazia seus versinhos. Ela era a poetisa da turma. E até me presenteou com um poeminha escrito à mão num papel de carta daqueles bens bonitinhos, que as meninas adoram colecionar. Eu li e gostei. Lembrei-me de meus primeiros poemas adolescentes; ingênuos, mas puros. Simples mas verdadeiros. Poemas feitos com o coração, limpos de influências literárias. Belos... E de certa forma e me vi novamente no olhar daquela menina. Era o mesmo olhar que eu tinha na idade dela. Um olhar vivo, brilhante e cheio de esperanças. Esperança no futuro, esperança na poesia. Esperança de que seus versos podem mudar o mundo semeando amor, paz e bondade...

Na despedida eu parabeneizei a menina e disse que se ela continuasse acreditando e semeando seus sonhos em forma de versos e que se tivesse paciência, ela um dia colheria bons frutos. E terminei dizendo a ela que o ato de escrever em um país onde não dão a mínima para a cultura era um caminho muito difícil, mas não impossível. Não lembro qual era o nome da jovem, mas seu poema ainda está guardado comigo.

Na volta daquela visita, antes mesmo de chegar em casa, eu havia escrito um soneto. Um soneto inspirado no brilho do olhar daquela menininha.



Visita literária em escola pública de Apucarana.

ARTE PELA ARTE

A arte do estudo é a cultura,
A arte da escolha é o dilema,
A arte do toque é a textura,
A arte do símbolo é o emblema.

A arte da tinta é a pintura,
A arte do filme é o cinema,
A arte da forma é a escultura,
A arte da letra é o poema.

A arte da música é a sinfonia,
A arte do banco é a praça,
A arte do amor é a sintonia,

Mas os furos da página, desgraça
Que todo livro terá algum dia
Só pode ser mesmo arte da traça!

CAPÍTULO XIV

De como transformar alunos em autores...

Em minhas andanças pelas escolas realizando visitas literárias, geralmente eu abro espaço para que os alunos façam pergunta. E dentre as perguntas mais feitas, uma que sempre se repete é:

— Qual o livro que você mais gostou de escrever? Tem um preferido?

Geralmente eu respondo que os livros são como filhos, todos são diferentes, mas o amor por eles é igual.

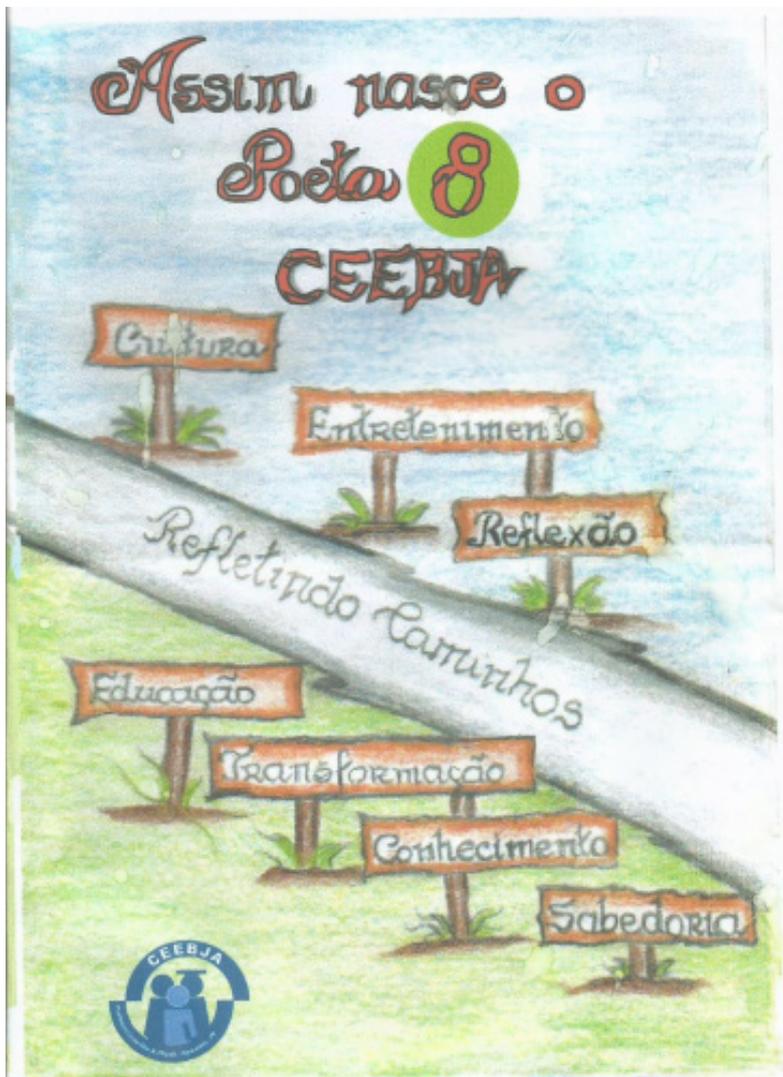
Outra pergunta recorrente é:

— É difícil escrever um livro?

Bom, é difícil escrever um livro difícil, mas é fácil escrever um livro fácil. O mais difícil é publicar. Principalmente se for um livro de poesia! Pois poesia não se faz com o intuito de vender, poesia se faz por fazer, se faz fazendo... Mas não é impossível. É trabalhoso, mas não é impossível, basta querer fazer!

Eu gosto muito de contar uma experiência que tive em uma escola publica, onde eu fui convidado para participar de um sarau. O evento foi muito bom e todos os anos eles repetem o sarau. Mas com o sarau brotou uma a ideia ainda mais interessante, a de estimular os alunos a escreverem seus próprios poemas e com esses poemas publicarem um livro. A iniciativa deu tão certo que todos os anos a escola CEEBJA de Apucarana lança uma coletânea com os poemas dos alunos. A coletânea se chama “Assim nasce o Poeta” e já está em seu oitavo ano. Eu gostei tanto da iniciativa que até escrevi um poema para eles intitulado Semeando Sonhos. Para minha surpresa o poema foi incluído na oitava coletânea. Era o primeiro poema do livro, o poema que abria o livro. Para minha surpresa o poema foi a semente

inicial também para este projeto literário que agora você, nobre leitor, tem em suas mãos: o livro que leva o mesmo nome. Eu até escrevi outro poema para os nobres e iniciantes autores, um poema que agora publico pela primeira vez e que mostra o papel de cada um... Do autor, do livro e do leitor.



Livro de coletânea de poemas de alunos do CEEBJA de Apucarana.

O PAPEL DE CADA UM

Para autores, livros são como filhos
E cada qual tem seus encantos,
Seus valores e empecilhos.
Tanto causam alegrias quanto prantos.

Para os livros, autores são pais:
Uns mais, outros menos, dedicados,
Uns severos, outros liberais.
Cada qual com seus predicados.

Livros: a família do autor.
Autor: a família dos livros.
Mas, e o papel do leitor?

Bom, aí depende dos livros,
Geralmente ele é voyeur
E dispensa adjetivos.

CAPITULO XV

De como cultivar o amor...

Os filhos são os melhores educadores de pais. Acho até que só entendemos nossos pais depois que nos tornamos pais. Toda preocupação e todo amor que nossos pais tiveram com nós, faz todo sentido depois que nos tornamos pais. Até os castigos impostos pelos pais aos filhos mais levados começa a fazer todo sentido depois que nos tornamos pais. Os filhos nos tornam responsáveis com o presente, nos tornam mais preocupados com o futuro e mais respeitosos com o passado. É certo que certas vezes eles deveriam ter um controle remoto. Sim, um controle remoto para apertarmos a tecla “mudo” quando berram incessantemente. Ou apenas um botãozinho para desligar, quem sabe? Mas basta que eles nos deem um sorriso verdadeiro, um sorriso cheio de alegria para que nos encham de esperança. Não há melhor premio que receber um sorriso de um filho. Mas também o contrário é verdade, o inverso vem na mesma proporção. Não há maior dor que a dor que dói num filho. Só os pais sabem o paraíso e o inferno que é o ofício de serem pais.

Hoje entendo minha mãe que tentou me educar da melhor forma possível, mas são meus filhos que estão me educando. Hoje consigo entender as noites de insônia que minha mãe provavelmente passou. Bastou que meu filho Thiago tivesse uma noite de febre para eu compreender minha mãe mais claramente. Bastou eu ter passado uma noite toda acordado cuidando do meu filho para eu compreender o que é sentir dor sem ter dor. Não há dor maior.

Nesta mesma noite, uma grande amiga da minha mãe chamada Fátima passara por um sofrimento terrível, muito mais terrível que ter um filho com febre, pois uma de suas duas filhas, a Taís, havia descoberto um tumor cerebral. Um tumor que teria que ser operado e que por causa da operação poderia acarretar a ela alguns problemas. Problemas de sequelas tanto físicas como mentais. Problemas que talvez fossem irreversíveis. Fátima é uma boa mãe, mas de uma hora pra outra, sem ter tido aviso prévio para se preparar, teria que passar por uma situação que nenhuma mãe gostaria de passar. Uma angustiante e incessante experiência de impotência. Nunca duvidei do amor das mães e de alguma forma se Fátima pudesse trocar de lugar com sua filha, ela teria feito sem nenhum remorso ou arrependimento. Fátima é uma mulher católica, que possui uma fé inabalável, mesmo assim ela deve ter se perguntado várias vezes por que é que Deus havia colocado tal provação em sua vida. Eu infelizmente não posso afirmar o mesmo sobre a minha fé, mas também amo meus filhos mais do que tudo. E foi pensando em ser solidário a ela que eu escrevi um soneto intitulado A DOR QUE MAIS ME DÓI.

A DOR QUE MAIS ME DÓI

para Fátima

E quando falo sobre a dor, a dor que mais me dói
Doendo intensamente como um câncer que corrói,
Não é apenas sobre a dor física que me refiro,
Mas sim sobre a assombrosa dor que bate como tiro,

Um tiro dado à queima roupa no peito, que destrói
Todo tipo de força que é possível. Essa dor constrói
Um labirinto de incertezas e caos. Respiro
Angústia, medo, pavor, pânico e febril transpiro

Um suor encharcado do senso de impotência
Exagerado de fraqueza. Um estribilho
De desalento e desencanto. E permanência

De aperto que aperta o peito. Empecilho
Que me faz perceber com toda evidência:
A dor que mais dói é a dor que dói num filho.

CAPÍTULO XVI

De como é importante colher o dia...

Às vezes eu sinto a necessidade de realizar uma avaliação existencial e para isso eu uso mão de uma simples pergunta: e se eu soubesse que só tenho mais seis meses de vida, eu viveria exatamente como estou vivendo?

Quando a gente fica sabendo de histórias como a da minha amiga Taís, talvez a frase mundialmente conhecida de Horácio faça pleno sentido: “*Carpe Diem*”. Taís foi pega de surpresa, ficou sabendo de sua enfermidade enquanto realizava exames de rotina. Mas tenho certeza que se ela soubesse antecipadamente de seu sério problema de saúde, teria colhido seus dias como sempre fez. Feliz da vida. Taís é uma bela moça, vaidosa como deve ser uma bela moça. Taís tem em seu perfil um valor inestimável, determinação. Tudo o que ela quis fazer na vida ela fez. Cursou duas ou três universidades, morou um tempo com sua irmã Viviane nos Estados Unidos, namorou, viajou, festou. Taís fez tudo isso antes da cirurgia porque tinha vontade de fazer. E vontade é uma força gigantesca, talvez a maior força motriz da humanidade. Sua mãe Fátima é uma boa mãe. Mas dizem que até as boas mães padecem no paraíso. Taís passou pela difícil cirurgia e está se recuperando bem. O poema que eu escrevi para Fátima, eu pedi a minha mãe que a entregasse, pois minha mãe estava indo visitar a Taís depois da cirurgia. Minha mãe chorou ao ler o poema. Pelo visto eu não abandonei o hábito de fazer minha mãe chorar. Mas desta vez ela chorou de emoção. Chorou porque se colocou no lugar de sua grande amiga Fátima. Fátima também deve ter chorado muito devido ao sério problema pelo qual está passando sua filha Taís.

Horácio era poeta e escreveu um poema para sua amiga Leuconoe de onde a frase em latim “*Carpe Diem*” foi retirada, exatamente do verso “*carpe diem quam minimum credula postero*”, que pode ser assim traduzida: “*colhe o dia, acredita menos na posteridade*”. Também sou poeta, não tão competente como Horácio nem tenho tal pretensão, mas também escrevi um poema para uma amiga. Uma amiga chamada Taís.



Da esquerda para direita Fátima, o Thiago Zardo com sua filha Maria Augusta no colo, a mãe do autor Clecy e Taís no lançamento do livro *Haikuases*.

VONTADE

para Taís

A vontade é a mãe de todas as conquistas,
É a força motriz de toda vitória,
É o impulso dos sonhos futuristas
E o alimento vital de toda glória.

A vontade é a fonte de todo sucesso,
É o caminho certo para o poder,
É o espírito de todo progresso
E a alma de todo querer.

A vontade o combustível da inspiração,
É a fome incessante de todo desejo,
É a atitude que traz superação,

É o vício sobejo de todo ensejo.
Vontade é a energia do coração,
Não é o que tenho, mas o que almejo.

CAPITULO XVII

De como a vida concorrida é melhor de ser vivida...

O mundo moderno é mesmo coisa louca, um misto de correria, compromissos, reuniões, enxurrada de informações em sua maioria inúteis e sempre a mesma queixa: falta de tempo. Agora junte a isto o turbilhão de acontecimentos dos sete bilhões de pessoas tudo ao mesmo tempo e *Voalá!* Está feito o caos.

Quanta coisa pode imaginar que estejam acontecendo no mundo agora, neste exato momento? Não esqueçamos de levar em conta a relação espaço-temporal de dia e noite, pois se é sol raiando num lado do globo, noutra é anoitecer. Então provavelmente enquanto uns se preparam para o descanso noturno, outros iniciam mais uma jornada diária.

Enfim, diante de tanta correria fica cada vez mais difícil a gente achar tempo para a gente! E se já falta tempo para a gente, imagine para cuidar da saúde da gente? O problema é que saúde é como dinheiro que enquanto temos sobrando nem ligamos em gastar... E a vontade!

Meu pai é médico e como todo médico ele cuida da saúde, não só de seus pacientes, mas da sua própria. E foi por incentivo e muita insistência dele que eu e muita gente começamos a praticar exercício físico regularmente. Eu comecei com caminhadas leves até chegar a corridas. Inclusive de vez em quando eu, ele, minha mãe e minha irmã participamos de algumas provas pedestres, mas só para correr, não concorrer. O exemplo de esforço e dedicação acabou contagiando a nós todos. Ele já participou de meias maratonas. Isto com mais

de sessenta anos. E foi inspirado nestas participações em corridas que eu escrevi um poema intitulado “VIDA CONCORRIDA”. O que foi mais legal, porém, foi que quando eu mostrei ao meu pai o poema, ele sugeriu fazermos um banner para levarmos nas corridas. E fizemos mais, além do banner com o poema, mandamos rodar numa gráfica dois mil panfletos com meus versinhos que foi distribuído gratuitamente pela primeira vez numa prova de corrida tradicional de Apucarana: a “53ª Prova pedestre 28 de Janeiro”. E lá estavam presentes e participando da prova com a gente os meus amigos e coautores do primeiro livro publicado, Wando e Allan. Quem diria! Aqueles mesmos que ficavam trancados comigo ensaiando rock no quartinho da Maria! Mas o melhor momento foi ver meus filhos, Thiaguinho participando bravamente de sua primeira corrida infantil e minha bela filhinha Maria correndo sem parar, atravessando a linha de chegada, pra lá e pra cá. E tudo devidamente registrado pelas lentes fotográficas da minha esposa! A experiência foi muito gratificante. Tanto que a intenção é continuar semeando os panfletos em mais provas de corrida. Afinal, como nos ensinou Henfil, o que vale mesmo é a intenção da semente!

VIDA CONCORRIDA

Vanderlei Cordeiro, o grande maratonista
Que nas Olimpíadas foi nosso medalhista
Assim aconselhou: “pare de fumar correndo”.
E por que não aproveitar e ampliar dizendo:

Acabe com a sua depressão correndo
E correndo também pare de se estressar.
Acabe com o mal da insônia correndo
E correndo também pare de se drogar!

Correndo a gente ganha saúde, mas saúde
É como dinheiro, enquanto temos sobrando
Nem ligamos em gastá-la, assim amiúde...
Portanto cuidado, vou logo lhe avisando

Da maratona da vida ninguém sai ileso,
Quando ela resolve cobrar, cobra caro,
Principalmente ao sedentário e ao obeso,
Então corra atrás o quanto antes, meu caro.

Aproveite e pare de engordar correndo,
E correndo igualmente comece a viver
Com saúde, com prazer... Nunca esquecendo
Que o importante é correr e não concorrer!

Acorde enquanto é tempo, deixa de ser insano,
Lembre-se da frase: “*mens sana in corpore sano*”
E acabe com a preguiça, exorcize esse demônio
E nunca esqueça: saúde sim é o maior patrimônio!



Primeira corrida e Thiago Filho e seu pai.



Maria Augusta estreando em corridas, ambas as fotos foram extraídas do site www.eucorro.com

CAPITULO XVIII

De como certos poemas tem história...

O poema “Lixo bicho é” tem muita historia, apareceu pela primeira vez em uma página do meu livro de poemas “O Casulo”. Não era um poema longo, mas tinha um valor, digamos de engajamento social. Depois o poema ganhou o acompanhamento de alguns acordes de guitarra e se tornou uma musica da banda Dani C! Inclusive a musica participou de um festival, o “Ecofestival” promovido pelo SESC de Apucarana e ganhou até troféu. E conforme o tempo foi passando, ele foi crescendo, crescendo e foi ganhando mais conteúdo, até se tornar um cordel que teve a capa confeccionada por alunos do ensino médio do Colégio Nossa Senhora da Glória, o Glorinha de Apucarana. E quando foi lançado no formato de cordel, ele até ajudou a reciclar nosso planeta, pois não foi vendido comercialmente e sim trocado por lixo reciclado! Mas não parou por aí, não. Ele também virou inspiração para um projeto sociocultural. Aquele que tem como meta atingir as 8 formas de mudar o mundo, um projeto que surgiu na UNESCO e está espalhado por todo planeta. E dentro desse projeto, o poema se tornou uma bela sacola ecológica para ser sempre reutilizada, ao contrario das sacolinhas de plástico que vão direto para o lixo e do lixo para o lixão, quando não ficam perdidas por aí, jogadas pelos cantos e juntando água, servindo de lugar ideal para o mosquito da dengue se proliferar. E infelizmente fica por muito tempo, pois é de difícil destruição... Mas o poema reapareceu em formato de livro infantil, numa parceria realizada entre varias entidades, novamente num projeto da UNESCO, o das 8 formas de mudar o mundo. Os desenhos todos do livro foram feitos por alunos APAE e

da Escola Municipal Tancredo Neves, ambas de Marilândia do sul. O patrocínio para a impressão gráfica foi uma doação do instituto Caritas de Apucarana e os livrinhos foram doados para todas as 300 APAES do Paraná e o restante será comercializado. Com a renda da venda dos exemplares, será comprado lixeiras para serem implantadas em uma praça localizada em frente a APAE de Marilândia.

Bom, acho que já comentei demais sobre o poema durante todo o livro. É hora de apresenta-lo ao leitor que ainda não o conhece:



Capa do livro LIXO BICHO É, ilustrado por alunos da APAE.

LIXO BICHO É

O lixo é um bicho feio
Criado pelo homem,
Fruto e sobra do anseio
Dos que consomem.

Sempre esquecido
E deixado de lado,
Muito produzido
E muito ignorado

O lixo, esse bicho,
Foi se acumulando,
Aumentando seu nicho
E assim se alastrando.

Invadindo e crescendo
Sem ninguém perceber,
Ele foi se desenvolvendo
Até a gente perceber

Que tem lixo em todo lugar:
Tem lixo demais no chão
E tem muito lixo no ar
Conhecido como poluição.

Tem muito lixo nas serras,
Tem lixo demais no mar,
Tem muito lixo nas terras,
E também em nosso lar.

Tem lixo que é tóxico,
Tem lixo que é atômico,
Tem muito lixo químico,
E também lixo orgânico.

Tem muito lixo eletrônico,
Tem lixo que é industrial,
Tem lixo que é lixo faraônico
E também tem lixo comercial.

Tem lixo demais na esquina,
Tem lixo jogado pela rua,
Tem lixo até lá na China
E também tem lixo na lua!

Tem o lixo hospitalar,
Tem lixo de construção,
É até difícil acreditar
Mas tem lixo na televisão!

Programas de TV são nichos
Pra tanto mau gosto e poluição,
Poluição visual: são os lixos
Nos meios de comunicação!

Mas além da poluição visual,
Tem a sonora poluição
E também a poluição mental,
Outra terrível aberração,

Pois uma mente poluída
Não tem preocupação
Com a natureza destruída
Nem com o futuro da civilização.

Jogado sempre por gente
Sem a mínima educação
O lixo no chão é semente
Da nossa própria danação,

Pois se assim ele continuar
Aumentando, aumentando
E acumulando sem parar
O futuro estamos prejudicando!

Lixo acumulado, de fato,
É prato cheio, farto alimento,
Pra barata, mosca, rato
E gera doença, padecimento.

Doença como diarreia,
Cólera, leptospirose,
Intoxicação, malária
E esquistossomose,

Mas principalmente
A dengue, epidemia
Que mata muita gente
De febre e hemorragia,

Porem povo bem educado
Não joga lixo no chão,
Pois sabe que isso é errado
E só aumenta a poluição.

Além de entupir bueiro
E causar muita enchente,
O lixo produz mau cheiro
Que incomoda a gente.

Lugar de lixo é no lixo
E não jogado no chão.
E o lixo que não é lixo
Deve ter outra destinação.

Reciclar é tão importante
Quanto deixa-lo no lugar certo,
Então não seja ignorante
E aja como alguém esperto.

Não seja um salafário,
Um ser sujo, imundo,
Seja sim um ser solidário
Para com o nosso mundo!

Para o lixo produzido
O melhor destino é reciclar
E tudo que foi consumido
É importante separar:

Separar a sobra da comida,
Do plástico, do papel e da lata.
Assim temos uma boa saída
Pro lixo e a natureza será grata.

Por exemplo, o papel
Quando é reciclado
Vira de novo papel
Pronto para ser usado!

E quem sabe até transformado
Em um cordel sobre o lixo
Que por lixo será trocado
Ajudando reduzir esse nicho!

Faça que a palavra reciclar
Seja na sua vida uma meta,
Não esqueça que reaproveitar
É sabedoria da mais completa.

Veja que ideia supimpa:
Transformar lixo em cultura,
Manter a consciência a limpa
Incentivando a literatura!

Nunca é tarde pra mudar
Os maus hábitos da gente,
Comece hoje a reciclar,
Recicle também sua mente!

CAPITULO XIX

De como transformar um sonho em realidade...

Um antigo ditado diz que “basta um pequeno passo para não estarmos mais no mesmo lugar”. E lá se vão alguns anos desde que eu dei meu pequeno passo rumo a minha caminhada no mundo literário. Muito aprendi semeando meus versos... E já que iniciei este livro com uma homenagem ao meu generoso pai, nada mais justo que termina-lo homenageando a pessoa que deu à luz minha vida, uma pessoa que aguentou muitas vezes calada todas as loucuras de seu filho que queria ser poeta, que sonhou tanto em ser poeta e semear seus versos que até que se tornou poeta. Posso garantir que não fui um jovem fácil, pois minha inclinação para sonhador por muitas vezes beirou a teimosia. Alias, nunca é fácil ser mãe de pessoas sonhadoras, pessoas que saem por aí transformando suas ideias em versos, pessoas que muitas vezes não se importam de ser chamadas de doidas ou avoadas. Pessoas que apesar de crescidas ainda carregam a inocência da pureza dentro de si e continuam acreditando no lado bom das pessoas. Pessoas que sonham com um mundo melhor porque enxergam o mundo através das lentes da poesia e do amor. Pessoas poetas.

Além de homenagear minha mãe com esta humilde obra, eu gostaria de agradecê-la, pois muito da historia do poema “LIXO BICHO É” que volta e meia eu citei neste livro eu devo a minha mãe. Foi dela a iniciativa de transforma-lo em uma ecobag, foi dela também a ideia de transforma-lo em uma apresentação coreografada por alunos especiais da APAE, entidade fundada por ela no município de Marilândia do Sul

há mais de 20 anos. Instituição em que ela dedicou muitos anos de sua vida como diretora e presidente, filantropicamente, ajudando por ajudar, semeando amor por semear, sem querer nada em troca. Foi dela também a ideia de incluir esses alunos como os ilustradores do livro “Lixo Bicho é”, no projeto da ONU dos oito objetivos do milênio. E que ficou tão belamente finalizado. É, posso dizer que certamente minha mãe é uma semeadora de sonhos. Meio avoadada às vezes, meio esquecida também, mas dedicada e honesta. Sensível como toda mãe tem de ser, mas forte ao mesmo tempo para aguentar firme nos momentos de dificuldades da vida. E por falar em dificuldades, confesso aqui que também tive muitas dificuldades para publicar meus poemas e meus livros. Todos foram lançados de forma independente. Portanto, este será meu primeiro livro publicado em parceria com uma editora. Agradeço a editora Multifoco por acreditar em meu projeto.

Pois é minha generosa mãe, parece que só depois de passarmos muito tempo correndo atrás das borboletas é que aprendemos que semeando o jardim elas aparecerão naturalmente. Tão naturalmente quanto floresce o amor de uma mãe ou os versos de um poeta semeador de sonhos.

Marilândia do Sul

Apucarana e região prestigiadas pela Onu

Em 2000 a ONU ao analisar os principais problemas mundiais, estabeleceu os Objetivos do Milênio para a redução das desigualdades em várias vertentes, e colocou como meta a superação desses indicadores pelos países até 2015. No Paraná o Sesi coordena o "Nos Podemos Paraná", que visa incentivar práticas que promovam os ODMs e promove o Selo ODM destinado a projetos de empresas e entidades, que se preocupam e promovem ações no sentido de alcançar ao menos um dos Objetivos Do Milênio. No dia 04 de junho, em Curitiba aconteceu a entrega do 4º Selo ODM e o colégio do Vale do Ivaí, esteve representado com os Projetos Futuro Integradu do SESC (projeto Letramento e Rabocínio Lógico para alunos da Rede Pública de Ensino,

parceria com a SEED e NRE Apucarana) e "Lixo Bicho É", esta ação é uma parceria da APAE como Movimento "Nos Podemos Marilândia do Sul", Instituto Cáritas de Apucarana e Colégio Estadual do Campo Tancredo Neves- Autor Thiago Augusto Zardo. Estavam presentes: o Presidente da FIEP: Edison Campagnolo, o Assessor da Secretaria Geral da Presidência da República Luiz Vieira, o Coordenador Residente do Sistema Nações Unidas no Brasil e Representante Residente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Vice Governador do Estado do Paraná Flávio Arns, entre outras autoridades.

Na Foto: Maria Tereza Ullie Gomes Sec de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Hu-



manos, Clecy Zardo Apae de Marilândia do Sul, Jorge Chediek Coordenador Residente do Sistema Nações Unidas do Brasil e Representante Resi-

dente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Gerente Executiva do SESC Apucarana Angela Patrícia Rinaldo, Assessora da Secretaria Geral da Presidência República- Luiz Vieira, Gerente de Responsabilidade Social do Sesi Paraná- Sônia Beraldi de Magalhães.

Matéria do jornal Tribuna do Ivaí sobre o projeto "LIXO BICHO É"

Semeando sonhos

O poeta é o semeador de sonhos
E mesmo em tempos tão medonhos
Aquele que semeia fantasia
Um dia colhe seu fruto, a poesia.

A poesia se faz por fazer,
Se faz fazendo, por prazer,
Poesia não se faz pra vender,
Poesia se faz, deu pra entender?

A poesia é o discurso do poeta
Que após impresso ou decorado,
Como se fosse profecia de profeta,

Perpetua-se sozinho pra todo lado.
A poesia é o discurso do poeta,
O semeador de sonhos, o encantado.

Contato com o Autor:
thiagoaugustozardo@gmail.com

Este livro foi composto em Apple Garamond pela
Editora Multifoco e impresso em papel pólen soft 80 g/m².
